

11.
P R E G A Õ
P A R A A S R E A E S F E S T A S
D O

FELIZ NASCIMENTO
DO SERENISSIMO

P R I N C I P E

D A B E I R A,
Que faz celebrar nesta Cidade Sua Alteza
O SERENISSIMO SENHOR

D. G A S P A R.

Portugal velho representa a Farfa trajado, e vesti-
do á antiga, a cavallo no Drago, timbre de suas
Armas, acompanhamento de arcabuzei-
ros, e caixas militares.



L I S B O A:

Na Offic. de ANTONIO VICENTE DA SILVA.

Anno 1761.

Com todas as licenças necessarias.

D. GASPARI.



LIBRO V.
OMNIA ANTONIO NICOLI 1752
Anno 1751.
Cum rebus et licentia impressoria.

O H lá, defenrolay o alegre pasmo
 Para ouvir a hum harbaro authusiasmo !
 Alerta ; aqui estou eu : e nestes modos
 Do tempo de Noé, ou dos Reys Godos
 Tenho o vulto, ou já de Affonfinhos ;
 Pois trago a bigodeira nos focinhos :
 Contemporaneo sou dos Annes Ennes,
 Das Briolanjas, dos Sanches, dos Ximenes ;
 Avô geral de todos os meus netos,
 Ou avoengo commum de tataranetos.
 Em fim, Portugal o velho,
 E por isso não sou nenhum fedelho ;
 E pois que aqui fallo só,
 Callay, que ornea aqui hum vosso avô,
 Ninguem uja, ninguem muja,
 O fallador daqui cem legoas fuja.
 Oh lé, já todos me ouvi,
 Olhay, que eu sou o mesmo ; eu sou o cáqui ;
 Retirado, encoberto, ou ás escuras
 Vivia eu talvez só nessas pinturas,
 Que em fim, as cousas passadas
 Nunca lembraõ, fenaõ se estaõ pintadas ;
 Melancolico, triste, e carrancudo
 Era o meu rosto entaõ cara de embudo,
 Só lembrando a meus cuidados
 As Africas de meus antepassados ;
 Quando não mais que com hum par de acenos
 Estripavaõ milhões de Sarracenos,
 Quando a adaga, e os arcabuzes
 Eraõ da morte a fouce, ou os alcatruzes ;
 Quando as façanhas do Quelhas
 Ao lume as referiaõ nossas velhas,
 Quando afflicta finalmente
 A Espanha obedecia a nossa gente,

Entaõ vivia eu hum burro
 Cheyo de pennas grave cascamurro :
 E vi que os Ceos me trouxeraõ a bonança
 De ver no Throno a Casa de Bragança ;
 Aqui botey as cãas fóra
 De prazeres saltando na milhora ;
 Alegre, e já restaurado
 O velho Portugal mais remoçado ,
 Vi no Throno Lusitano
 O quarto Joaõ , a Affonso, o Soberano
 Pedro , a Joaõ Magnanimo , e Augustissimo ;
 Ao primeiro Jozé , Rey Fidelissimo ,
 A quem Deos queira dar nestas idades
 Per omnia secula amen , felicidades.
 Vi depois com mayor contentamento
 Da Princeza Maria o casamento ,
 Que a ElRey seu Pay com gosto o mais completo
 Hum Successor lhe dá , Principe , e Neto ,
 No Principe da Beira , aquelle que he
 No mesmo proprio Nome outro Jozé.

Victor Portugal , victor que a esperança
 Ao desejo as mãos deo de alta alliança ,
 Agora sim , remoça-te com gosto ,
 Enchaõ-se já de prazeres
 Meninos , moços , homens , e mulheres
 Velhos , mancebos , fabios , e ignorantes ;
 Cafacas , capas pretas , e estudantes ,
 E toda a-basta bicharia
 Arreentem com gosto de alegria.
 E tu , ó Braga antiga , que es mais velha
 Do que eu , que aqui to digo , te aparelha
 Para commigo bailares ,
 E teus gostos antigos remoçares :
 Deixa o escudo , deixa a lança ,
 Dancemos o fandangó , que he bõa dança ;
 O teu Regio Primaz , de glorias cheyo ,
 Que foy sempre , e será teu doce enleyo ,

Esse he o primeiro empenhado ,
 Que tanto prazer seja demonstrado ;
 Pois quer elle applaudir com mais portento
 O feliz , Regio , e Augusto Nascimento ;
 E se o applauso , e a festa he hoje sua ,
 Vê , ó Braga , que a gloria será tua .

No principio de Janeiro

Hum regabofe temos todo inteiro ,
 (Queira Deos que não seja hum regacapa ;
 Que he milagre se á chuva então se escapa)
 Levantar-se-ha com gloria universal
 A bandeira da festa , e o mastro real ,
 Haverá de caretas bom barulho ,
 Que forradas virão de sarrabulho ,
 rojões , lombo de porco , aliàs de frio
 Andarão dando aos dentes de arrepio ,
 Inda que Braga sabe com mais tretas
 Nunca ter frio em quanto houver caretas .

Na Pascoa das flores

Ha de haver o quartel , onde os rigores
 Só do antigo Regimento
 Quero se guardem , mando por assento ,
 Que eu tomey , Portugal velho ,
 Que já disse não ser qualquer fedelho ;
 O Cartel pede a farça de bom gosto
 Entre o jocososo , e alegre bem disposto ;
 Quer a dança jocoferia ,
 Quer minuets dançar , não ter pilhéria .
 Todo o mascara no traje ,
 Que então sedas trouxer , he hum salvaje ;
 Seja tido , e havido por burrinho ,
 Que mando vá banhar-se ao cavallinho .
 O careta official
 Só pode-lo-ha ser se tiver sal :
 O que engraçado não for ,
 Quando muito andará a tocar tambor ;
 Com tanto que só toque de mansinho

Por

Por não ferver á gente o vinho ,
 Que não fiquemos agoados
 Lá nas festas , ou meyo avinagrados ;
 Quero que refuscitem os calhelhos
 Canzarrões , e pretos velhos
 Vestidos de olandilhas ,
 Que então he que faziaõ matavilhas ;
 Pois estes pretos de agora
 Só podem bem servir para huma nora.
 As Siganas , e dança do Vigario ,
 A Pangaluna , e o tero-liro-lairo ,
 As mulatas da Bahia ,
 A ariosa , os romeiros , e a porfia :
 Os escarramanados , brava gente ,
 Fanfarrões da Avelleda antigamente :
 Pois quero mostrar ao mundo ,
 Que inda ha gente , que leva a boya ao fundo.
 Todo o quartel de farças se componha ,
 De que a graciosa idéa se disponha ;
 E ha de fer o bom gosto premiado
 Do que houver a melhor farça ideado :
 Mas os que forem só tolos ,
 Por premio levarão duzias de bolos :
 E olhem que isto não he nenhuma graça ,
 Manda Portugal velho , assim se faça.
 Esses corpos de ripe agigantados
 Caras de pasta , de olho arregalados ,
 Com pés de Gallego andante ,
 Levarão na fronteira tudo adiante :
 Esta Serpe , o meu Drago , e a sua dama
 Lá darão que fallar á voz da fama.
 Celebrado o Cartel , seguem-se as festas :
 Quando enriquecer Flora as mais florestas :
 Então se ha de ostentar que Sua Alteza
 Mostra os lustres da mais alta grandeza :
 Triunfará o applauso com victória ,
 De que em Braga nunca houve mayor gloria.

Todos

Todos se aprestaõ com luzido aceyo ,
 O adorno , e lustre seja o seu recreyo :
 Olhay que hey de fazer , e acontecer ,
 Se as leys naõ observardes , que eu vos der.
 Determino que as michellas
 Nesse tempo esfolinhem as janellas ,
 Para nellas brilharem com mil cores ,
 Equivocadas Ninfas com as flores.
 Item mando com ecco tremebundo ,
 Que se ouça daqui lá no fim do mundo ,
 Que os mascarás se ponhaõ assentados ,
 De cocoras , e agacho , ou estirados ;
 E quem estiver de pé , ou esteja erguido ,
 Por Argel , por Bolonio será tido ,
 E qualquer lhe dirá neste susurro ,
 Fóra tolo , fóra asno , e fóra burro.
 E tu , ó Braga antiga , hasde gavar-te ,
 Que ás Reaes festas , em fim , de toda a parte
 Viráõ de hospedes magnas que catervas
 Por selectas , doceiras , e mimofas ,
 As ameixas de caixas deliciosas ,
 Abobara , bocados , caramélo ,
 A pastilha , o limaõ doce amarello ,
 Papos de Anjo , canudos , farelorio ,
 E pepinos tambem de S. Gregorio.
 Victõr festas ! Oh lá haja folganças ,
 Até façãõ as velhas suas danças ,
 Empenhe-se o fervor , o zélo , a gloria
 Dos vassallos fieis , e em taõ notoria
 Acçaõ conheça o mundo , que a Nobreza
 Da Augusta Braga ostenta a mór grandeza ,
 E que só elles podem com primor
 Hum applauso fazer com tal ardor ,
 Que se chegue o seu brado furibundo
 A atroar as abobadas do mundo .

A todos os mercatores ,
 Vendedores , pintores , bailadores ,

Tan-

Tangedores, cantadores,
 E a tudo o mais que se acabar em dores,
 Mando, quero, e lhe declaro,
 Que o dinheiro não mais nos fação caro,
 Haja, em quanto durar o calendario,
 Abundancia de todo o necessario;
 Venhaõ polvros de Vianna,
 A boa vaca venha da Arrifana,
 Do Porto o bacalhão, o arroz, e o peixe,
 E a Povia de trazer jamais se deixe,
 Venhaõ, em fim, do Minho os botacollas
 Os Vigarios, os Curas, e os Abbades,
 E toda a basta maquina de Frades,
 Os Inglezes, os Francezes,
 E juntos finalmente os Portuguezes
 Façãõ cortejo alegre em nossa Braga,
 Que em jubilos de gloria hoje se allaga,
 E todos com applauso o mais egregio,
 Para mais sublimar no esplendor Regio,
 O lustre da grandeza,
 Que nella ostenta o gosto de Sua Alteza.
 Todos dem parabens ao Soberano,
 No primor mais ufano,
 Aos Regios Pays, ao Principe nascido,
 Gloria de Portugal esclarecido,
 De Braga o Primaz, Sol, Astro radiante,
 Amplissimo Senhor, luz mais brilhante
 A Corte Bracharense,
 A quem taõ grande jubilo pertence,
 E tambem ao Senhor Portugal velho
 Hoje o pregoeiro mór do seu Concelho.
 Viva ElRey, viva o nosso Soberano,
 E a Deos, meus Bracharenfes, até o anno;
 A Deos, lá virá a fresca Primavera,
 Que eu tornarey a ser quem dantes era.

Vivaõ Suas Magestades, e Altezas, vivaõ.